

Epistemologia Feminista e mulheres na informática

Nabylla Fiori de Lima
 Universidade Tecnológica
 Federal do Paraná
 Curitiba, PR
 nabylla@alunos.utfpr.edu.br

RESUMO

Este trabalho visa trazer aos estudos em Interação Humano Computador (IHC) algumas reflexões sobre a Epistemologia Feminista. Muito se fala da (baixa) presença das mulheres na informática e nas áreas afins, com a intenção de promover uma maior participação delas nessas áreas. Entretanto, repensar as bases da ciência e da tecnologia se faz necessário no caminho para incentivar a participação das mulheres nas diversas ciências e práticas tecnológicas.

Palavras-chave

Epistemologia Feminista; Informática; Mulheres na ciência; Estudos sociais da ciência e da tecnologia.

ACM Classification Keywords

H.0 Information Systems.

INTRODUÇÃO

A ciência moderna vem sendo questionada pela crítica feminista, devido, sobretudo, às premissas de neutralidade, objetividade e universalidade. Ao considerar a ciência e a tecnologia como práticas sociais, o movimento e as teorias feministas compreendem que essas práticas estão, portanto, carregadas de valores. Além disso, o campo oficial de construção de ciência e tecnologia negou, historicamente, o acesso às mulheres, e quando estas os acessaram, seus trabalhos foram invisibilizados.

As perguntas e reflexões que este artigo visa trazer são: Por que queremos inserir mulheres nas ciências e no desenvolvimento de tecnologia, considerando que grande parte da ciência e da tecnologia hegemônicas estão voltadas à reprodução da sociedade capitalista e levam a problemas ambientais e sociais, ou ainda, estão direcionadas à indústria bélica? É possível pensarmos a ciência e a tecnologia de um ponto de vista feminista? Ao inserirmos as mulheres no campo da informática, estamos de fato modificando as relações desiguais entre os gêneros, ou reproduzindo-as? Queremos inserir mulheres e outros grupos na informática a fim de continuar fazendo a mesma ciência e moldando a sociedade do mesmo modo conforme tem se dado pelos campos hegemônicos? A sociedade mudou o suficiente a situação das mulheres de modo que hoje elas caibam no perfil mais valorizado de profissionais da informática, que visa trabalhos flexíveis?

A partir dessas reflexões, pretendo apontar para a possibilidade da "integração de teorias feministas nas práticas de IHC" [1].

EPISTEMOLOGIA FEMINISTA

Ao se basear nos pressupostos de neutralidade, objetividade e universalidade, a ciência moderna negou algumas formas de saberes, rejeitou o conhecimento de determinados povos, excluiu mulheres e outros grupos sociais da produção científica e tecnológica e, ao invisibilizar os feitos desses sujeitos, produziu um modelo de conhecimento patriarcal.

Nesse mesmo caminho, o conceito de tecnologia teve distintos significados conforme as mudanças históricas. Em outros momentos da história, outras culturas produziam seus modos de viver, mas sem utilizar tal nomenclatura. Devido à condição masculina nas sociedades modernas, em que apenas os homens (brancos e europeus) eram considerados sujeitos de conhecimento, as tecnologias desenvolvidas por mulheres, pessoas negras e outros sujeitos diferentes do "homem branco heterossexual cristão" foram desconsideradas.

Diana Maffia e Sardenberg apontam para a base dualista da ciência moderna hegemônica, que, com uma estrutura binária, separou "sujeito/objeto, mente/corpo, razão/emoção, objetividade/subjetividade, transcendente/imanente, cultura/natureza, ativo/passivo, etc." [7]. Ao analisarmos os estereótipos culturais associados ao feminino e ao masculino, é possível ver como as dicotomias objetivo/subjetivo, universal/particular, racional/emocional, abstrato/concreto, público/privado, fatos/valores, mente/corpo, literal/metafórico, tem do lado esquerdo (objetivo, universal, etc.) os conceitos que são considerados "masculinos" e também o que é considerado característico da cientificidade. Do outro lado (particular, emocional, etc.), o que é considerado "feminino" e, também, não científico. Hierarquizando esses conceitos, várias formas de saber são desconsideradas pelo campo científico hegemônico, ao passo que também se reforçam a hierarquia entre homens e mulheres [6].

Além disso, autoras como Beatriz Preciado e Teresa de Lauretis trouxeram a reflexão sobre tecnologias de gênero, ou seja: como se produzem e, principalmente, como se naturalizam as masculinidades e as feminilidades?

Para Lauretis, a construção de gênero acontece "na mídia, nas escolas públicas e particulares, nos tribunais, na família nuclear, extensa ou monoparental", mas também "na academia, na comunidade intelectual, nas práticas artísticas de vanguarda, nas teorias radicais, e até mesmo, de forma

bastante marcada, no feminismo" [4]. Nesse caminho, é possível problematizar a construção das teorias científicas, bem como as práticas científicas e tecnológicas que podem funcionar como tecnologias de gênero, reforçando e reproduzindo hierarquias e desigualdades.

Mulheres na informática – O exemplo das profissões da TI

Além de pensarmos as ciências e tecnologias como produtoras de gênero, também podemos considerar a presença (ou melhor, ausência) de sujeitos excluídos nesses campos. Ao refletir sobre a informática e as práticas nesse campo, é possível afirmar que o campo hegemônico reproduz esses estereótipos e discursos de neutralidade, objetividade, além de pressupor a universalidade de seus usuários. Nas últimas décadas, pesquisadoras tem questionado a baixa presença feminina na área, e apontado para a necessidade de visibilizar mulheres que contribuíram para o campo historicamente, bem como incentivar a presença de mais mulheres na área. Entretanto, como tem se dado nos demais campos de desenvolvimento científico e tecnológico, pouco se questiona sobre as bases da ciência e da tecnologia e suas práticas, antes de pensar na inserção das mulheres e o objetivo disso.

No início da história da informática, várias mulheres atuavam na configuração e programação de computadores além das várias mulheres que trabalharam como codificadoras na tarefa de descriptografar mensagens durante a II Guerra Mundial. Dentro disso, a distinção entre software e hardware carrega em si a divisão binária anteriormente apresentada: ““hard” não coincidentemente designava os trabalhos de engenharia relacionados ao projeto físico dos componentes (trabalho reservado aos homens, altamente qualificados e especializados), e “soft” eram trabalhos secundários envolvendo a programação dessas máquinas e, portanto, relegado e atribuído às mulheres” [5].

Findada a guerra (e, com isso, o incentivo ao trabalho feminino) e conforme o trabalho com os softwares passou a ser mais reconhecido devido à valorização e massificação do uso dos computadores, as mulheres passaram a ser substituídas por homens. Dessa substituição também resultou a mudança na nomenclatura: “de operador ou codificador (que evocava uma atividade passiva e pouco criativa), começou-se a utilizar a designação “programador”, hoje inteiramente difundida e utilizada” [5]. Nesse sentido, de forma mais ampla, quando a área da computação passou a se conformar como uma disciplina independente da matemática, da física, da engenharia elétrica, entre outras que a formaram, se profissionalizando, se institucionalizando e adquirindo status, a atuação das mulheres se reduziu [5].

Assim, apesar da forte presença feminina nos primórdios da informática e também contrariando as estatísticas que refletem um aumento do número de mulheres no mercado de trabalho nas diversas áreas, o setor de TI (área da informática, cuja profissão é uma das mais bem remuneradas atualmente) não acompanhou este crescimento: “A Comissão Europeia para a Sociedade da Informação atestou que um entre cada cinco trabalhadores do setor de TI na Comunidade Europeia são mulheres” [2]. Em sua pesquisa, Bárbara Castro afirma que o campo de Tecnologia da Informação cresceu junto ao processo de desregulamentação da legislação trabalhista, tornando flexível o regime de trabalho dos indivíduos desse setor. Para Castro, essa flexibilização das relações de trabalho é generificada, ou seja, ocorreu de maneira diferente para homens e mulheres [2].

Castro retoma o trabalho de Armstrong et al. (2007), cujas entrevistas com trabalhadoras de TI permite a compreensão de que, apesar das perguntas estarem relacionadas apenas ao trabalho, o tema “família” era frequentemente trazido nas respostas das mulheres. Como afirma Castro, “gerenciamento das responsabilidades familiares, qualidade do trabalho, stress e flexibilidade de tempo de trabalho foram os temas que mais apareceram em suas falas. A interação entre família e trabalho era percebida pelas mulheres como a interconexão entre esses fatores” [2].

Por ser esperado que as mulheres desempenhem um duplo papel (trabalhar na empresa e cuidar de uma família), as mulheres acabavam ocupando trabalhos mais burocráticos, organizacionais e que não exigisse o exercício da flexibilidade (temporal e espacial) [2]. É possível afirmar que o trabalho flexível exigido pela profissão na área de TI é incompatível com a tarefa socialmente exigida das mulheres relacionada ao cuidado com a família. Assim, o “trabalhador ideal não é neutro para a categoria de gênero. Antes, ele é masculino. Pois apenas alguém que tenha disponibilidade total para a empresa, sem que a esfera pessoal se confunda de saída com a esfera profissional, é que pode assumir o papel flexível” [2].

A crítica feminista e a questão do cuidado

A causa do estresse das mulheres que tem conciliar suas rotinas de trabalho com o cuidado da família é motivo de reflexão por várias autoras feministas. Essas reflexões podem também ser levadas em conta ao pensar os campos das ciências e das tecnologias.

Seguindo a lógica dos pares binários anteriormente apresentados e por estar estruturada a partir de valores de competitividade e de “luta pela sobrevivência”, houve, na sociedade capitalista moderna, a separação entre as esferas onde ocorrem o cuidado daquelas onde se dá o trabalho e outras relações. De acordo com Joan Tronto, “se as pessoas têm de estar predominantemente ou cuidando ou voltadas para a troca mercantil, o caminho mais simples para organizar instituições sociais seria criar esferas separadas para cada modo de vida. A glorificação ideológica dos homens no cruel mundo dos negócios e das mulheres no lar de que cuidam é uma solução óbvia” [8].

Nesse sentido, para a crítica feminista importa refletir acerca da possibilidade e da necessidade de se repensar as categorias morais - ampliar, portanto, a compreensão do que é “cuidado”, característica historicamente vista como exclusivamente feminina, repensando, com isso, as instituições políticas e sociais: “o defensor dos cuidados também pode concluir que, se eles não podem coexistir com a sociedade de mercado, as relações de mercado devem ser abolidas” [8].

Para Tronto, há a necessidade possível de se pensar uma teoria moral que vá além do conceito de cuidado relacionado às tarefas historicamente atribuídas às mulheres, a fim de construir uma abordagem feminista dos cuidados que não funcione apenas como “um corretivo da moralidade, um “extra” da vida” [8] sem contestar e repensar as categorias morais: “uma abordagem feminista do cuidar necessita começar por ampliar a compreensão do que significa cuidar de outros, tanto em termos de questões morais, como em termos da necessidade de reestruturar instituições políticas e sociais mais amplas, se o cuidar de outros constituir uma parte mais central das vidas de todos os dias de todo mundo na sociedade” [8].

Sendo assim, ao incentivar a presença de mulheres nos setores da informática, é preciso que, anteriormente, repensemos a organização do campo e as relações de trabalho. Mas isso será suficiente?

Para um novo mundo, com novas interações: Somos todas ciborgues

Reorganizar as relações de trabalho pode ser um passo importante para avançar na derrocada de hierarquias. Entretanto, sem a abolição dos binarismos e/ou essencialismos que carregam a dicotomia “homem/mulher” (e as várias outras a esta correlatas), é possível que se mantenham desigualdades.

Refletindo sobre a construção dos pares binários (sobretudo “animal x humano” e “máquina x organismo”), Donna Haraway mobiliza a imagem do ciborgue como um organismo híbrido entre máquina e organismo orgânico capaz de subverter dualismos de dominação, contribuindo, assim, para um novo entendimento acerca do feminismo no final do século XX, em diálogo com as novas tecnologias.

Crítica das vertentes feministas que recusam a tecnologia, Haraway atenta para o fato de sermos tecnologicamente construídas (tal como compreendiam Preciado e De Lauretis). Desse modo, aponta para o potencial de luta e resistência presentes na ciência e na tecnologia, apostando na luta por outros significados e “outras formas de poder e prazer em sociedades tecnologicamente mediadas” [3].

A proposta de Haraway auxilia na desconstrução de um sujeito político universal do feminismo - as “mulheres”: “o conceito *mulher* [...] acaba funcionando como uma desculpa para a matriz de dominações que as mulheres exercem umas sobre as outras” [3]. Além disso, sua proposta contribui para a desnaturalização da ideia de um “usuário universal” na interação com o computador, a fim de compreender a corporificação generificada dos/as usuários/as e apostar na potencialidade desses corpos que são, por sua vez, construídos com e pelas tecnologias. Para Haraway, “o ciborgue é uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material: esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica” [3].

Visto que estamos impregnadas da tecnologia ao nosso redor e somos tecnologicamente construídas, como corpos híbridos de máquina e organismo, não podemos negar a ciência e a tecnologia, mas sim nos apropriarmos delas a fim de reconstruí-las e sair “do labirinto dos dualismos por meio dos quais temos explicado nossos corpos e nossos instrumentos” [3].

CONCLUSÃO

Apesar da histórica exclusão, invisibilização ou expropriação dos saberes das mulheres na história das ciências e das tecnologias, diversas vertentes do movimento feminista tem se engajado não apenas nas críticas, mas também na edificação de possibilidades mais igualitárias dessas que são dimensões da vida humana - e que nos constroem, como corpos ciborgues que somos.

Para Donna Haraway, “assumir a responsabilidade pelas relações sociais da ciência e da tecnologia” [3] pressupõe “recusar uma metafísica anticiência, uma demonologia da tecnologia” (idem), e ao mesmo tempo refletir sobre a inserção de setores historicamente excluídos ou invisibilizados da ciência e da tecnologia pressupondo uma reorganização e uma reflexão sobre esses campos, a partir da proposta da epistemologia feminista de “pensar com” os sujeitos, e não por eles: valorizando, assim, a participação desses sujeitos na criação e avaliação das tecnologias.

Com as reflexões aqui trazidas, visamos atentar para a importância de repensar não apenas a inserção de sujeitos excluídos da ciência e da tecnologia, mas também de reformular suas bases e objetivos. Além disso, reorganizar as práticas a fim de que acolham esses sujeitos, em vez de modificar os sujeitos para que se adaptem à interação com as novas tecnologias.

O exemplo da profissão na área de TI serviu para pensarmos como a inserção das mulheres na informática não é apenas uma questão de colocar mais mulheres nesse setor, mas também demanda a reorganização do setor. E, além disso, refletir sobre as ciências e as tecnologias como produtoras de gênero nos leva para além da simples inserção dos sujeitos, mas também para a percepção da potencialidade da construção de novos sujeitos. A imagem do ciborgue, trazida por Donna Haraway, aponta algumas perspectivas nesse sentido.

A epistemologia feminista tem, então, a pretensão de permear as diversas práticas sociais. Com isso, vislumbra a produção de conhecimento científico e tecnológico a partir de valores feministas, contribuindo, portanto, com os estudos acerca da interação humano-computador.

REFERENCES

1. Shaowen Bardzell. 2010. Feminist IHC: taking stock and outlining an agenda for design. In *Proceedings of the SIGCHI Conference on Human Factors in Computing Systems*, ACM.
2. Bárbara Castro. 2011. Gênero e flexibilização do trabalho: Uma análise do setor de TI. *Arius Rev* 17, 1: 29-45.
3. Donna J. Haraway. 2000. Manifesto Cyborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*, D. Haraway, H. Kunzru e T. da Silva. Autêntica, Belo Horizonte, 37-130.
4. Teresa de Lauretis. 1994. A tecnologia do gênero. In *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*, Heloisa Buarque de Hollanda (org.). Rocco, Rio de Janeiro, 206-242.
5. Fabiane Alves de Lima. 2014. *Mulheres na tecnociência: depoimentos e vivências de mulheres nos cursos de computação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná*. Dissertação de Mestrado. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR.
6. Diana Maffia. 2005. Epistemología Feminista: por outra inclusión de lo femenino en la ciencia. In *Ciencia, tecnología y género en Iberoamérica*, N. B. Graf e J. Flores (Eds.). Universidad Autónoma de México, México DF, 623–633.
7. Cecilia M.B Sardenberg. 2002. Da crítica feminista à Ciência a uma Ciência Feminista?. In *Feminismo, Ciência e Tecnologia*, A.A. Costa e C.M.B. Sardenberg (orgs.). Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR), Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM), Universidade Federal da Bahia, Salvador.
8. Joan Tronto. 1997. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre moralidade a partir disso? In *Gênero, Corpo, Conhecimento*, Alison M. Jagguar e Susan R. P. Bordo. Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 186-204.